



SAPATÃO ENQUANTO RIZOMA: DESTERRITORIALIZAÇÃO DA LÉSBICA

Hariagi Borba Nunes¹

Resumo

A proposta deste trabalho é entender *Sapatão* enquanto rizoma a partir de Mil Platôs I, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Tensionamento a perspectiva essencialista do ser Lésbica - compreendida como sexualidade ligada somente a categoria “mulher”, não questionando as bases da construção sexo/gênero. Trabalharemos com Monique Wittig, Andrinne Riche e Tania Navarro Swain e suas análises conceituais sobre lesbianidade, conectando a perspectiva queer de Paul. Preciado, Judith Butler e Sam Bourcier para pensar corporalidades dissidentes e seus marcadores; e finalmente costuraremos a teia da lesbianidade ao conceito de rizoma propondo a identidade estratégia Sapatão, evidenciando corporalidades múltiplas e não essencializadoras.

Palavras-chave: Lesbianidade. Queer. Rizoma.

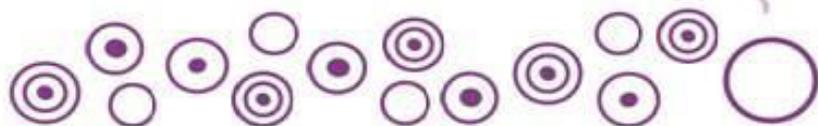
O que é uma lésbica? Crítica a lesbianidade clínica

A lesbianidade - enquanto conceito ocidental - é ligada ao saber médico estabelecido de verdades sobre os sujeitos. Essas verdades sobre a sexualidade fazem parte de um ramificado dispositivo, nomeado por Michel Foucault *Dispositivo da Sexualidade*. Nele estaria inserida uma rede de discursos médicos, biológicos, psicológicos de produção e controle dos corpos. Tudo que é dito e não dito sobre sexualidade a partir do século XVIII e XIX, criando uma sexualidade normal (heterossexualidade) e a anormal (desvios da normalidade hétero, posteriormente homossexualidade/lesbianidade e bissexualidade). Nessa base binária que o psicólogo Jonh Money em 1955 introduz a pesquisa² que cria o conceito de gênero para diferenciá-lo de sexo. Para Money o gênero seria uma construção social sobre o corpo sexuado (macho e fêmea), e a erotização/desejo desses corpos definiriam sua sexualidade, compostas pela normal (heterossexualidade) e o anormal (homossexualidade), este último passível de cura médica e psicanalítica.

As críticas das lesbofeministas - Monique Wittig, Adrienne Rich e Tania Navarro Swain- tensionam essa possível integração das sexualidades à lógica binária, denunciando a heterossexualidade enquanto sistema de opressão e dominação e não apenas como uma orientação sexual passível de escolha.

¹ Mestranda em educação na linha de educação e relações de gênero, UFRGS, email: hariagibn@gmail.com

² MONEY, Jonh. Gay, Straight and In-Between: The Sexology of Erotic Orientation. Oxford, 1988





Monique Wittig no texto *Não se nasce Mulher*, configura a heterossexualidade como um sistema compulsivo que fabrica a categoria mulher para dominação e submissão ao homem. Para a autora o ser lésbica seria a única forma de subverter a lógica de opressão, afirmando a premissa “não sou mulher, sou lésbica”. Colocando a lesbianidade enquanto classe que evidenciaria a heterossexualidade como divisão natural:

O que constitui uma mulher é uma relação social específica com um homem (...) uma relação da qual as lésbicas escapam quando rejeitam tornarem-se ou continuar sendo heterossexuais.(...) Isto só pode ser alcançado por meio da destruição da heterossexualidade como um sistema social baseado na opressão. (WITTIG, 1981, p. 6).

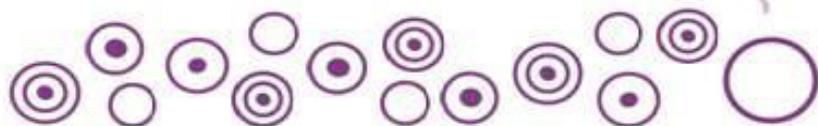
No ensaio *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*, Adrienne Rich denuncia o movimento feminista como mantenedor da lógica heterossexual - o que ela chama de heterossexualidade compulsória - ao não visibilizar as pautas lésbicas na agenda de discussão. A proposta da autora seria de expansão do conceito de lesbianidade por meio do continuum lésbico e existência lésbica, onde experiências além da sexualidade possam existir enquanto política:

Existência lésbica sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação contínua do significado dessa mesma existência. Entendo que o termo continuum lésbico possa incluir um conjunto (...) de experiências de identificação da mulher, (além do) fato de que uma mulher tivesse alguma vez tido (...) experiência sexual genital com outra mulher (RICH, 2010, p. 32).

Assim como Wittig e Rich, Tania Navarro Swain no texto *Feminismo e Lesbianismo: a Identidade em questão*, questiona as bases de um lesbianismo subjugado a heterossexualidade “o desejo masculino é que define o lesbianismo, em um mundo marcado pelo binário heterossexual da norma disciplinar” (SWAIN, 1999, p. 115). Swain vai além das outras autoras, e sugere que o lesbianismo problematize a divisão binária dos sexos que impõe a dualidade das sexualidades, abrindo caminho para o não engessamento identitário da dissidência enquanto norma:

(...) as maneiras de se vestir, de ser diferente, de sublinhar uma singularidade (lésbica) não fazem senão internalizar a ordem binária na medida que expõe uma diferença e a diferença supõe um modelo. (...) assumir a representação social da inversão (...) legitima a norma que determina as zonas de exclusão. (SWAIN, 1999, p. 117).

E afirma que: “É muito fácil cair no essencialismo quando se reivindica uma identidade, quando se liga o ser à uma prática, à uma atração, à um gosto, nem tão particular assim.” (SWAIN, 1999, p. 118) E sugere propositivamente o termo Cartografia Nômade: “A identidade





nômade é assim uma posição de sujeito ocupada em uma determinada situação” (SWAIN, 1999, p. 119).

Até aqui observamos que a lesbianidade binariamente ligada a lógica heterossexual foi muito questionada dentro do movimento de intelectuais lésbicas, porém o tensionamento sexo/gênero, que petrifica os corpos entre machos e fêmeas a partir dos seus genitais, é o que estabelece o rompimento epistêmico entre lésbica e *sapatão*.

Sapatão: a quebra do sexo biológico

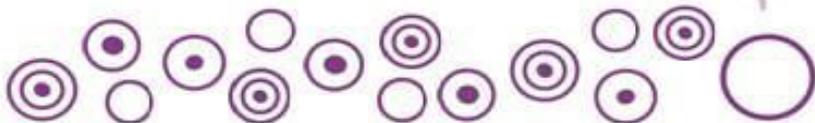
A anunciação *Sapatão* - de forma teórica - está ligada a política de reapropriação identitária *queer*, oriunda do movimento gay estadunidense no final dos anos 80. Usado como termo pejorativo, o *queer* (estranho em inglês) é proferido pela norma heterossexual para ridicularizar e inferiorizar pessoas não-heterossexuais. Os xingamentos: *viado*, *saptão*, *bicha*, *traveco*, e etc, passam de ofensa depreciativa à identidade estrategicamente política. A teoria *queer* - segundo o texto de Preciado *Multidões queer* - nasce com o intuito de problematizar a norma heterossexual, evidenciando os processos históricos de construção dos corpos binários (divisão sexo/gênero) e deslocando o ser identitário único para uma multiplicidade de identificações e corporalidades:

As identificações negativas como “sapatatas” ou “bichas” são transformadas em possíveis lugares de produção de identidades resistentes à normalização, atentas ao poder totalizante dos apelos à “universalização” (PRECIADO, 2010, p. 7).

Para Butler, a norma regulatória heterossexual se afirma a partir da divisão, dita “natural”, do construto sexo/gênero, estabelecendo-se pela materialização das corporalidades sexuadas através do marco do sexo (macho e fêmea), produzido como naturalizado. Segundo Butler a divisão sexo/gênero é uma ficção, uma fantasia, construída para controle dos corpos a partir de uma ótica binária:

(...) a construção do sexo não mais como um dado corporal sobre o qual a construção do gênero é artificialmente imposta, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos. (BUTLER, 2000, p. 112).

Expondo a artificialidade da norma heterossexual e do sexo biológico, os dois autores nos ajudam a trilhar os tensionamentos que *Sapatão* propicia a identificação Lésbica quando se afasta da premissa: “sou lésbica porque me relaciono com mulheres”. A lesbianidade pensa a categoria mulher inserida na lógica binária dos sexos, em contrapartida, o *estar sendo sapatão* é quebrar com essa premissa, pois as corporalidades em jogo vão além de pessoas





designadas mulheres ao nascer, variando códigos, como: masculinidades, feminilidades, homossexualidades, lesbianidades, bissexualidades, racialização, cisgeneridade, transgeneridade, não-binaridade, etc. Como salienta Sam Bourcier, um teórico queer não-binário, o termo *sapatão* pode ser utilizado enquanto identidade de gênero, dilatando a identificação sexual lésbica restrita a mulheres.

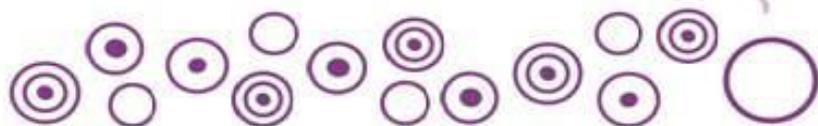
Eu sou sapatão e eu me atraio sexualmente por outra sapatão. (...) E se eu me envolver sexualmente com uma pessoa transsexual? Então, eu não sou uma lésbica se você define como lésbica o fato de ser uma mulher ou estar envolvida com questões das mulheres (BOURCIER, 2015, p. 10).

O *estar sendo Sapatão* enquanto identidade estratégica política, é poder entender-se de forma aberta as essencializações bio-médicas calcadas dentro da lógica heterossexual. É compreender nossas corporalidades de forma localizada, percebendo que não somos só *sapatão*, mas que *esse estar sendo sapatão* é aglutinado a outras definições de sexualidade, gênero, raça, classe, religiosidade, territorialidade. Ser sapatão branca, classe média e universitária no Brasil, é diferente politicamente de ser sapatão negra, pobre e mãe na periferia do mesmo país. É evidente que há pesos nas corporalidades, e é justamente esse peso - a materialidade dos corpos - que a teoria *queer* nos ajuda visibilizar enquanto ferramenta para uma análise mais contundente com a realidade específica de cada localidade.

Sapatão é multiplicidade rizomática

Deleuze e Guattari introduzem o rizoma como uma possibilidade de ruptura com o pensamento binário ocidental. O rizoma é entendido - diferente das raízes bifurcadas da árvore filosófica - como uma multiplicidade ramificada de linhas que não tem início e nem fim pré-estabelecidos. O rizoma se metamorfoseia por linhas de fuga que nunca chegam a formar uma estrutura ou unidade sólida e inquestionável. A partir desta lógica o rizoma nos ajudará a traçar desterritorializações com o pensamento binário heterossexual que dá origem a lesbianidade e a homossexualidade. Fazendo emergir a multiplicidade *sapatão* como processo de identificação efêmero, localizado e jamais uno.

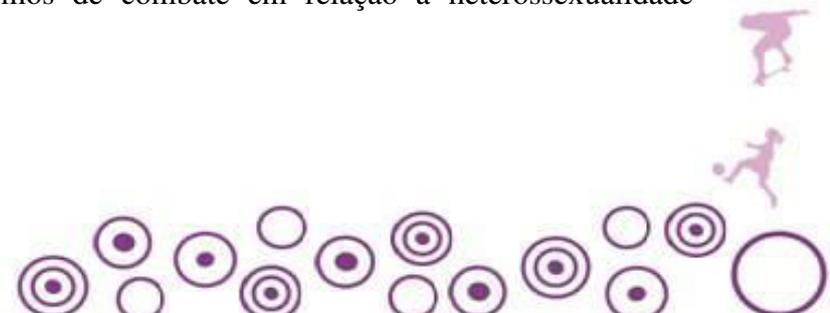
Os autores categorizam o rizoma em seis pontos não fixos e nem hierarquizados entre si, os quais iremos cruzar com as percepções da enunciação *Sapatão*. Os primeiro e segundo pontos seriam os princípios de Conexão e de Heterogeneidade: “(...) o rizoma pode ser conectado a qualquer outro ponto, e deve sê-lo (...) não existe uma língua-mãe mas a tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16). Sapatão não tem uma essência biológica que o determine, a identidade emerge





quando for necessária em determinados espaços políticos, traçando linhas de conexão com a não-heteronormatividade de corporalidades distintas. O ponto três, princípio da multiplicidade: “linhas de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem umas às outras” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17). Sapatão tem corporalidade variada, não cai na captura da divisão binária dos sexos. Como por exemplo, quando uma pessoa afeminada, identificada não-binária e designada homem ao nascer e outra pessoa masculinizada, identificada lésbica e designada mulher ao nascer se encontram, as corporalidades binárias não fazem mais parte da nomenclatura, ou seja, elas não são um homem gay e uma mulher lésbica mantendo um relacionamento heterossexual, mas sim duas corporalidades não-heterossexuais possivelmente identificadas enquanto sapatão. O ponto quatro, o princípio da ruptura a-significante: “o rizoma é uma antigenealogia” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18). Sapatão rompe com as perspectivas de mundo heteronormativas não estabelecendo-se somente pela sexualidade mas por variadas linhas de identificação que mudam continuamente. A heterossexualidade *verus* a homossexualidade não existem dentro da lógica sapatão, as possibilidades de existência rompem com esse binarismo. Os pontos cinco e seis seriam os princípios de cartografia e decalcomania: “O rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21). Sapatão não está enraizado em um pensamento estrutural, não pode nunca *ser* mas sempre *estar sendo* “(...) o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e”” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37). É cartografia e mapa porque é uma identidade conscientemente produzida pelo sujeito sapatão, onde novos desejos, corporalidades, sentimentos são constantemente fabricados, codificados e destroçados de forma múltipla. Em suma, sapatão - assim como rizoma - “se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas (...) contra o sistema centrado” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

O sistema rizomático de Deleuze e Guattari nos serviu como ferramenta teórica para entender a multiplicidade corporal da nomenclatura *Sapatão*. Principalmente nos serve enquanto categoria de análise que questiona e tensiona o pensamento binário ocidental e a lógica binária heterossexual branca, visibilizando que *Sapatão* ultrapassa uma identificação de sexualidade clínica, mas cria mecanismos de combate em relação a heterossexualidade compulsória dos corpos.





(In) Conclusões: não esqueçamos o peso das identidades

As duas diretrizes que tentei traçar aqui foram de cunho teórico-político sobre o corpo, sendo a primeira um tensionamento a categoria lésbica e ao lesbianismo enquanto identidade produzida pela lógica heterossexual, que de forma múltipla mantém a norma ao não questionar as bases binárias do sexo/gênero; e a segunda um exercício de introduzir a identidade estrategicamente política *sapatão* enquanto rizoma e multiplicidade, produzindo linhas de fuga e desterritorializações do binarismo heterossexualidade (normal) *verus* homossexualidade/lesbianidade/bissexualidade (anormal).

Visibilizar a heterossexualidade e as práticas sexuais pautadas na divisão natural dos gêneros enquanto um sistema historicamente construído, é possibilitar a existência e a emergência de outras corporalidades, afetos e desejos que escapam à norma vigente. A manada/alcatéia de *sapatonas*, *translesviadas*, *maricas*, *bichas*, *machorras*, introduzem uma outra lógica identificatória ao atravessarem identidade sexual e identidade de gênero.

Para finalizar, gostaria de remexer alguns aspectos talvez pouco abordados em relação ao objetivo desta escrita; propor questionamentos sobre a importância das identidades e sua forte relação com políticas públicas e movimentos sociais. Como lidar com as identidades gays e lésbicas de forma crítica às suas essencialização sem desmobilizar o movimento social que reivindica políticas públicas a essas comunidades? Pode o movimento gay e lésbico no Brasil continuar afirmando a sexualidade como ponto essencial de identificação, deixando de lado, por exemplo, relações de poder atravessadas por cisgeneridade, racialização, territorialidade? São tentativas de problematizar a complexidade dos processos de identificação, evidenciando que corporalidades são múltiplas e singulares, e entendê-las pressupõe contextualizá-las e não universalizá-las.

Referências

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado Pedagogias da Sexualidade**. Autêntica, 2000. p. 110-127.

BOURCIER, Sam. Uma conversa franca com MH/SAM Bourcier sobre correntes feministas e queer na contemporaneidade. v. 3, n. 2 e 3, maio/dez. 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro. Ed 34, 1995. v. 1.

MONEY, Jonh. Gay. **Straight and In-Between: The Sexology of Erotic Orientation**. Oxford, 1988





FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

PRECIADO, Paul. B. **Multidões Queer**: notas para uma política dos anormais. 2010. Este artigo foi traduzido por Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveiras a partir do texto original em francês, publicado em 2003 na revista *Multitudes* (Beatriz PRECIADO, 2003)

RICH, Adrienne. Heterossexualidade Compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, UFNR, n. 5, p. 17-44, 2010.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e Lesbianismo: Identidade em questão. **Cadernos Pagu**, n. 12, p. 109-120, 1999.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

